

A escrita de vida nos movimentos de migração: relações tempo/espaço e efeitos de estranhamento

Life writing in migration movements: time/space relationships and strangeness effects

Gláucio Geraldo Moura Fernandes¹
Natália Costa Leite²

Resumo

Este trabalho tem como objetivo estudar os efeitos de estranhamento em narrativas de estudantes imigrantes e/ou em situação de refúgio sobre suas experiências no Brasil. A perspectiva teórica adotada se esboça no espaço da Linguística Aplicada em interface com a psicanálise e tem como compromisso contribuir para a construção de uma área de estudo responsiva às demandas sociais contemporâneas. Da análise é possível depreender que as experiências e vivências dos sujeitos no *aqui- agora* modificam inexoravelmente a imagem do *lá* (país de origem) e do *então* (no passado) e que a questão da mobilidade social e sua relação com a aprendizagem da língua portuguesa balizou construções imaginárias sobre o propósito da aprendizagem de uma língua estrangeira. Além disso, a língua estrangeira também se configurou como ponto pacífico entre o eu e o outro.

Palavras-chave: Narrativas de vida; Imigração; Estrangeiro; Português como Língua de Acolhimento.

Abstract

This work aims to study the effects of strangeness in the narratives of immigrant and/or refugee students on their experiences in Brazil. The theoretical perspective adopted is outlined in the Applied Linguistics area in interface with psychoanalysis and is committed to contributing to the construction of a study area responsive to contemporary social demands. From the analysis it is possible to perceive that the experiences of the subjects in the *here-now* inexorably modify the image of *there* (country of origin) and *then* (in the past) and that the issue of social mobility and its relationship with Portuguese language learning marked out imaginary constructions about the purpose of learning a foreign language. In addition, the foreign language was also configured as a peaceful point between the self and the other.

Keywords: Life narratives; Immigration; Foreign; Portuguese as a Welcoming Language.

1 Introdução

“o estrangeiro é um sonhador que faz amor com a própria ausência” (KRISTEVA, 1994, p.18).

Este trabalho tem como objetivo estudar os efeitos de estranhamento em narrativas de estudantes imigrantes e/ou em situação de refúgio sobre suas experiências no país. O tema do presente artigo se justifica devido a movimentos recentes de migrações transnacionais e pelo impacto dessas no

¹ Doutor em Estudos Linguísticos. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), Belo Horizonte, MG, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8142-1688> E-mail: glauciofernandes@cefetmg.br

² Doutora em Linguística Aplicada. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), Belo Horizonte, MG, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6669-623X> E-mail: nataliacostaleite@gmail.com

contexto brasileiro. De acordo com dados extraídos do site da Polícia Federal³, o número de imigrantes registrados no Brasil aumentou 160 por cento nos últimos 10 anos. As solicitações de refúgio no país, de janeiro de 2017 a agosto de 2020, chegaram a 191.499 e o número de refugiados aproxima-se dos 60.000 (destes, 46.343 são venezuelanos). Há um movimento das instituições públicas de educação no desenvolvimento de ações para acolher esse corpo social. Tais ações visam a inclusão do imigrante e do refugiado por meio de aulas que abordam aspectos linguísticos, legais, sociais e culturais. Acreditamos que o espaço de aprendizagem da língua portuguesa favoreça a emergência de aspectos concernentes a questões identitárias desses sujeitos e esse lugar de fala nos permite colher enunciados que tragam algo que remeta a esse processo de (não)pertencimento.

Nossa pesquisa foi realizada com alunos de diferentes nacionalidades, em sua maioria haitianos, matriculados em um curso de extensão de Português como Língua de Acolhimento (PLAc) ofertado por uma instituição de ensino pública brasileira. Ao narrativizar suas experiências, o sujeito tem a chance de (re)contá-las, (re)vivê-las e, assim, (re)significá-las. O trabalho com narrativas permite ao pesquisador observar a emergência da subjetividade dos narradores nos fatos linguísticos, atentando para a relação desse sujeito com o aprendizado e a vivência da língua.

Durante a geração de dados, pedimos aos estudantes para relatarem suas experiências na aprendizagem da língua portuguesa e de que forma eles vivenciam essa língua no país. Buscamos nos enunciados formulações que nos remetessem aos impasses desses estudantes em relação a sua vivência no país e na aprendizagem de língua estrangeira.

Segundo Bizon & Diniz (2018, p. 1),

a partir da década de 1990, com o Brasil se filiando a projetos geopolíticos que previam a vinculação a blocos econômicos como o Mercosul, presenciamos, a uma só vez, a abertura do país a novos mercados e investimentos em iniciativas de políticas externas e de línguas que geraram um crescimento do interesse pelo português.

Continuamos acompanhando, nas últimas décadas, políticas de expansão da língua portuguesa, tanto por parte do governo brasileiro, quanto de instituições de ensino superior (IES), investidas no compromisso com a internacionalização. Algumas iniciativas, vinculadas às políticas de expansão, seriam:

a criação e consolidação do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras); a ampliação da oferta de cursos de Português como Língua Adicional (PLA) nas IES como parte de seus projetos de internacionalização; a implantação

³ Disponível em: <<http://www.pf.gov.br/servicos-pf/imigracao/estatisticas>>. Acesso em: 15 jan. 2021

de licenciaturas específicas, de disciplinas de graduação e pós-graduação, e de cursos de extensão para a formação de professores de PLA; o fortalecimento da produção acadêmica na área; o investimento na produção editorial de livros didáticos; o crescimento da oferta do português, em diferentes níveis de ensino, em países que não têm esse idioma entre suas línguas oficiais; a criação do Programa Idiomas sem Fronteiras – Português no Ministério da Educação; a estruturação do ensino de PLA no âmbito do Projeto Mais Médicos para o Brasil e em diferentes espaços de acolhimento a migrantes e refugiados no país. (BIZON & DINIZ, 2018, p. 1)

A maioria dos cursos de PLA ofertados pelas IES brasileiras são voltados a estudantes intercambistas com financiamento estrangeiro e a executivos, sendo poucos os programas de inserção – incluindo-se os cursos de PLA – destinados a estudantes advindos de países não-centrais, migrantes de crise, surdos e indígenas. Nas palavras de Bizon & Diniz (2018)

pouquíssimos trabalhos abordam a complexidade dos contextos de ensino de PLA que emergem a partir da reconfiguração geopolítica do mundo contemporâneo – embora, nos últimos anos, venha se registrando um crescimento de pesquisas voltadas a minorias, especialmente relacionadas ao que vem sendo denominado Português como Língua de Acolhimento (PLAc). (BIZON & DINIZ, 2018, p. 2)

O trabalho aqui proposto filia-se à perspectiva teórica da Linguística Aplicada Indisciplinar (MOITA LOPES, 2006; CAVALCANTI, 2006; MAHER, 2007) e tem como compromisso contribuir para a construção de uma área de PLA responsiva às demandas sociais contemporâneas (MOITA LOPES, *ibidem*). Esse trabalho focaliza sujeitos – concebidos sócio-historicamente – que não têm o português como língua materna e que transitam por espaços onde a aprendizagem dessa língua pode ser um elemento importante para a produção e democratização de mobilidades e multiterritorialidades (BIZON, 2013).

O trabalho faz interface com a psicanálise freudo-lacaniana a partir da noção de um “sujeito efeito de linguagem” (LACAN, 1966/1998, p. 849), marcado por sua incompletude e por isso um sujeito em eterno advir. Essa noção de sujeito acolhe assim uma perspectiva que considera o inconsciente e suas formações, atos falhos, lapsos, deslizos metafóricos e/ou metonímicos, num processo irrevogável de atravessamento pela materialidade significante do outro, a alteridade. Alteridade essa que aponta para a criação, a produção de diferenças subjetivas que se inscrevem dentro da cadeia significante de cada sujeito, conferindo-lhe sua singularidade. Nos afastamos, portanto, da noção de sujeito cognoscente ou do sujeito da consciência, função imaginária que ilusoriamente temos a impressão de apreender por meio de nossas experiências de vida. É nesse espaço onde emerge o sujeito que podemos flagrar fragmentos de sua subjetividade - angústias, frustrações, alegrias, satisfações. Sobre esse ponto, Lacan afirma que

mesmo que efetivamente seja verdade que a consciência é transparente a si própria e que é apreendida como tal, fica patente que, nem por isso, o eu lhe é transparente. (...) Mesmo que este eu nos seja efetivamente entregue, no ato de reflexão, como uma espécie de dado imediato em que a consciência se apreende transparente a si própria, nada indica, no entanto, que a totalidade desta realidade – e dizer que se vai chegar a um julgamento de existência já é muito – fique de todo esgotada (LACAN, 1978/1992, p. 14).

A partir do exposto, apresentaremos a seguir o contexto de pesquisa e a metodologia empregada para o desenvolvimento deste estudo.

2 Contexto de pesquisa e Metodologia

O Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) oferece curso de Português como Língua de Acolhimento (PLAc) e de Cultura Brasileira para refugiados, portadores de visto humanitário e imigrantes em situação de vulnerabilidade social. O projeto teve início no segundo semestre de 2016, e sua equipe é composta por alunos de graduação, mestrado, doutorado, professores e técnico-administrativos da própria instituição, além de contar com o apoio de voluntários de outras instituições. O curso tem por objetivo: a) possibilitar o contato do imigrante com o meio acadêmico brasileiro; b) favorecer o uso da língua portuguesa para situações comunicacionais cotidianas e para fins acadêmicos; c) preparar o imigrante para a comunicação em ambiente de trabalho; d) ampliar os conhecimentos do imigrante acerca da formação da sociedade brasileira.



Figura 1. Cartazes de divulgação do curso PLAc – ano 2019/2020.
Fonte: <http://www.sri.cefetmg.br/turmas-de-plac-20172/> Acesso em: 19/10/2020

As narrativas foram coletadas durante uma aula do curso de PLAc / nível básico. A geração de dados ocorreu com a permissão do professor que ministrava as aulas. Pedimos ao professor 30 minutos de sua aula para que pudéssemos aplicar aos alunos uma atividade (apresentada abaixo). Essa atividade consistia em pedi-los que escrevessem um texto narrativo contando sobre suas experiências na aprendizagem da língua portuguesa e a maneira como eles vivenciavam essa língua no Brasil. Os estudantes deveriam escrever sobre: os motivos que os levaram a vir para o Brasil; seus processos de adaptação; os motivos que os levaram a procurar o curso de PLAc e o impacto do mesmo nas suas experiências no país; suas trajetórias de aprendizagem com a língua portuguesa (dificuldades e experiências bem sucedidas); suas expectativas com a língua no âmbito social, profissional e acadêmico; suas impressões sobre viver no Brasil (o que os chamava a atenção) e quais os planos para o futuro no Brasil. Trazemos abaixo a atividade aplicada aos alunos:

A proposta desta atividade é a escrita de um texto narrativo sobre suas experiências na aprendizagem da língua portuguesa e a forma como você vivencia essa língua no país. Busque narrar detalhadamente suas vivências com a língua portuguesa. Escreva sobre os seguintes pontos: os motivos que o levaram a vir para o Brasil; seu processo de adaptação; os motivos que o levaram a procurar este curso de extensão e o impacto do mesmo nas suas experiências no país; sua trajetória de aprendizagem com a língua portuguesa (dificuldades e experiências bem sucedidas); suas expectativas com a língua no âmbito social, profissional e acadêmico; como é viver no Brasil (o que te chama a atenção?); quais seus planos para o futuro aqui no Brasil.

Com essa atividade, ofertamos espaço de escuta para que os estudantes pudessem compartilhar suas narrativas de vida. Os estudantes não precisavam se identificar, também não eram obrigados a fazer a tarefa, e foi mencionado que a tarefa era exclusivamente para fins de pesquisa e que aqueles que não se sentissem confortáveis em executá-la poderiam não o fazer. Alguns alunos inclusive optaram por não participar e, ao final, tivemos 14 narrativas. Vale ressaltar que: i) antes de iniciarem a produção da narrativa, entregamos aos alunos um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; ii) para manter o anonimato dos estudantes, utilizamos nomes fictícios nos excertos analisados.

De posse das narrativas, a fim de analisar os dizeres dos estudantes, nos colocamos a refletir sobre possíveis categorias de análise. Para o desenvolvimento dessa pesquisa estabelecemos dois objetivos: compreender, topologicamente, suas elucubrações sobre o *lá* e o *aqui* e a relação *tempo* e *espaço* nas narrativas de vida de estudantes migrantes participantes de um curso de Português como Língua de Acolhimento (PLAc) e observar os efeitos de estranhamento dessa experiência em suas escritas.

Em um primeiro momento dessa pesquisa, vale ressaltar a distinção adotada entre refugiados e imigrantes, já que são termos que não podem ser tidos como sinônimos, havendo uma diferença legal entre eles. De acordo com a Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados (1951)⁴, o refugiado é o sujeito que, devido a fundados temores de perseguição em razão de

raça, religião, nacionalidade, associação a determinado grupo social ou opinião política, encontra-se fora de seu país de origem e que, por causa dos ditos temores, não pode ou não quer fazer uso da proteção desse país ou, não tendo uma nacionalidade e estando fora do país em que residia como resultado daqueles eventos, não pode ou, em razão daqueles temores, não quer regressar ao mesmo (Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados, 1951, p. 2).

Assim sendo, o refugiado é o sujeito em situação de vulnerabilidade social, que tenha vivido/vivenciado ameaças e riscos em seu contexto social. Essa condição é extensiva ao cônjuge, aos ascendentes e descendentes, aos membros do grupo familiar. A Declaração de Cartagena (1984, p. 3) considera como refugiados pessoas fugindo de “violação maciça dos direitos humanos ou outras circunstâncias que tenham perturbado gravemente a ordem pública”.

Já para os imigrantes, de acordo com Sant’Ana (2019), o deslocamento não se dá por ameaça direta de perseguição ou morte, mas sim por busca de melhores condições de vida. Alguns dos motivos são: trabalho, educação, reunião familiar, dentre outros. Segundo a autora, “[e]nquanto que aos refugiados se aplicam as normas sobre refúgio e a proteção dos refugiados definidas em leis nacionais e no direito internacional, os imigrantes são tratados conforme a própria legislação do país que os recebe”. (SANT’ANA, 2019, p. 338)

Em nossa pesquisa, optamos por usar o termo imigrante, já que de acordo com a maioria dos participantes da pesquisa, sua vinda para o Brasil se deu por motivos de melhores condições de vida e por sua própria escolha. Um dos participantes, inclusive, menciona que “a movimentação humana não pode fazer sem qualquer motivo”. Buscamos dar voz aos imigrantes, sujeitos muitas vezes destituídos de fala e de oportunidades e na maioria das vezes invisibilizados (SANT’ANA, 2019). Dar voz a esses sujeitos é permitir que eles se localizem em um tempo e espaço, é escutar suas narrativas, suas questões.

⁴ Adotada em 28 de julho de 1951 pela Conferência das Nações Unidas de Plenipotenciários sobre o Estatuto dos Refugiados e Apátridas, convocada pela Resolução n. 429 (V) da Assembleia Geral das Nações Unidas, de 14 de dezembro de 1950. Entrou em vigor em 22 de abril de 1954, de acordo com o artigo 43. Série Tratados da ONU, nº 2545, vol. 189, p. 137.

3 Narrativas de vida

O termo “narrativa de vida” (*récit de vie*) foi introduzido na França em meados dos anos de 1970 pelo sociólogo Daniel Bertaux. Anteriormente a essa tradução, utilizava-se o termo “história de vida”, uma tradução literal do termo em inglês *life history*. No entanto, segundo Bertaux (2005, p. 11), esse termo soava inadequado, “pois não distinguia a história vivenciada por uma pessoa da história que ela poderia contar” (SANT’ANA, 2019, p. 339). Conforme o sociólogo, essa distinção se daria acerca do caráter realista e antirrealista da história de vida, o que o faria se aproximar da primeira corrente por acreditar que a narrativa consistiria em uma descrição aproximada de uma história vivida. Segundo Lara (2017), a tradução de *récit de vie* para “narrativa de vida” é atribuída à pesquisadora brasileira Ida Lucia Machado. Para Sant’Ana (2019, p. 340) essa tradução estaria atrelada a Machado (2011, 2015, 2016), pelo fato de esta trazer em seus trabalhos uma ampla e consistente explanação a respeito do tema.

Na visão de Bertaux (2005), a narrativa de vida seria uma metodologia de pesquisa na qual um sujeito conta para outrem, de forma subjetiva, um episódio de sua vida. Nessa perspectiva, o interesse pelos relatos de vida estaria atrelado à curiosidade pelo(s) outro(s), por suas experiências vividas/vivenciadas, pelos caminhos percorridos, etc. Segundo Barcelos (2020, p. 19), “[d]entro de nós mesmos, existe uma narrativa sendo contada o tempo todo, repleta de outras pequenas narrativas, plenas de muitas emoções de amor, frustração, alegrias, esperanças e desesperanças, otimismo, mágoas e rancores, entre outras”. Para Machado (2016, p. 122) “[a] narrativa – ou relato, ou história – de vida está ligada ao exercício da memória de quem a concebe”. Na narrativa de vida o sujeito elabora sobre a mesma, dando lugar a um novo sujeito “que funciona como uma terceira personagem ou como um ‘mediador’ entre o que é dito ou narrado e o que será escrito” (MACHADO, 2011, p. 60).

Para que a narrativa de vida se transforme em uma escrita, geralmente tem-se um primeiro sujeito que solicita a um segundo que lhe conte sua vida ou compartilhe algum momento vivido. Nesse processo, o sujeito que narra organiza suas lembranças e (re)interpreta sua história, dando forma às histórias que conta sobre si, para si e para o outro.

A memória de um ser humano é um universo onde diferentes vozes se conjugam, além da voz do ser que reflete sobre si e sobre sua existência. Essas vozes “falam” de acontecimentos pessoais, vividos pelo indivíduo em pauta mas também de acontecimentos coletivos dos quais o indivíduo, participou de uma forma ou de outra (MACHADO, 2016, p. 122).

De acordo com Barcelos (2020, p.19), as narrativas nos constituem enquanto seres humanos, pois somos, por natureza, contadores de histórias e narradores. Segundo a autora “[c]ontamos histórias para os outros e para nós mesmos. Por isso é preciso nos perguntarmos: que histórias estamos contando

para nós mesmos? Que histórias estamos contando sobre nós mesmos para nós mesmos? Para os outros? Sobre os outros?”.

-Quem eu sou?-Como me represento? Assim, o eu que escreve ou fala, na presente instância de enunciação, o eu do aqui, agora, cria um outro, lá, outrora, que protagonizou certos acontecimentos; assim agindo, estabelece uma não coincidência constitutiva entre autor e narrador, entre a experiência vivenciada e a artística. (MACHADO & LESSA, 2013, p. 3, grifos do original)

O que Sant’Ana (2019) sugere é que nesse processo “o sujeito-enunciador tenta transmitir suas experiências de vida através da linguagem. Na construção de sua narrativa o sujeito-enunciador desenvolve uma “construção imaginária de si”, do sujeito-enunciado. Há, pois, um deslizamento da pessoa ao personagem, como se o sujeito construísse uma nova versão de si mesmo (ARFUCH, 2010).

A atitude de se contar, de construir uma imagem de si, de se autorrepresentar, é, segundo Machado & Lessa (2013), um desafio para o sujeito-enunciador, já que este precisa selecionar no seu passado o que será contado, ordenar, estabelecer um início, um meio e um fim para a narrativa que será construída. Nas palavras dos autores, “ao lidar com a alteridade de seu antigo eu, ele delinea uma imagem de seu eu ideal” (MACHADO & LESSA, 2013, p.4). Segundo Lara (2017, p. 31), não podemos perder de vista que nas narrativas de vida há um embate entre realidade e ficção, “pois aquele que conta sua história, recolhe vestígio do passado e os (re)organiza da melhor maneira possível para se dizer no *aqui-agora*”. Sendo assim, o recurso à ficção acaba por ser recorrente na tarefa de reunir lembranças para compor uma história de vida, visto que, frequentemente, passamos de fatos a impressões e sentimentos sobre esses fatos.

Dessa forma, é possível interpretar uma narrativa de vida como se tratando de uma verdade sobre o sujeito? Que concepção de verdade estaria atrelada às narrativas de vida? Considerar uma narrativa como uma verdade é, nas palavras de Machado & Lessa (2013), um “contrato de leitura”. Dessa forma, ao ler/analisar uma narrativa de vida, deve-se ter em mente que nestes textos há efeitos de ficção e de realidade, ainda que ambos tenham o mesmo objetivo, ou seja, o de transmitir uma vivência.

Nas palavras de Lara (2017, p. 32), no caso de imigrantes, é preciso considerar que suas falas entrecortadas por experiências pessoais e subjetivas desvelam aspectos sociais e históricos de um determinado local, com suas variantes históricas. Nessa perspectiva, segundo Machado (2016), as vidas impregnam-se de fragmentos reveladores da história de um povo tratando-se, pois, de “histórias” que tecem e se entrelaçam com outras histórias (re)vivendo lembranças, entre a objetividade e a subjetividade do se contar.

Para concluir essa discussão, consideramos que as narrativas que serão aqui analisadas têm como intuito informar acerca de suas experiências vividas/vivenciadas. Vale ressaltar que, nas palavras de Machado (2016, p. 137)

analisar discursos sobre memórias ou narrativas de vida escritas, implica pois uma condição: nunca iremos trabalhar com fatos, com acontecimentos vistos e vividos; trabalharemos somente com as palavras daqueles que narram. (...) Talvez seja essa a magia da narrativa de vida, vista como um todo?

4 A figura do estrangeiro

O imigrante é um sujeito que se autoexilou em busca de vivenciar o novo, o inédito. Ele é alguém que aceitou o desafio de (re)descobrir-se em terras desconhecidas, infamiliars, estrangeiras. Para Kristeva, o estrangeiro, ao desatar os nós que o prendem a sua terra, a suas filiações e à sua língua materna, sente-se 'completamente livre' ainda que seu espaço seja "como um trem em marcha, um avião em pleno ar" (KRISTEVA, 1994, p.15). A busca por esse lugar de liberdade(s) não se dá, porém, sem perdas e conflitos para o imigrante. Logo percebe-se que é preciso renunciar a algo de si e daquela territorialidade para se fazer aceitar, agradar, seduzir esse outro e sua promessa de vida melhor (MELMAN, 1992). Nessa busca pelo 'invisível prometido', o estrangeiro coloca-se nesse lugar de fidelidade a um outro ideal paterno (KRISTEVA, 1994), ideal que certamente não corresponde à realidade encontrada, mas que sem dúvidas o coloca a sonhar. É justamente por esse caráter suplicante que Melman aproxima o imigrante a uma posição de histeria 'experimental'. Nas palavras do autor

aquele que é levado a ter que viver em uma comunidade que não é a sua de origem encontra-se na posição de quem não pode autorizar a sua palavra desde o Pai da cultura que ele habita. Se concordamos em definir a estrutura histórica como uma certa paixão de ser outro (...) eis que o migrante se torna histérico por razões históricas ou sociais. Ser diferente, outro, pode levar a tentar esquecer a própria especificidade e seduzir a nova cultura. É o sonho -talvez caricatura- da integração. (MELMAN, 1992, p. 10).

O desejo de ser um outro e ocupar um lugar nessa comunidade pode trazer como efeito o afastamento de sua própria filiação e assim constituir-se como um 'testemunho' de sua obediência e aceitação perante a nova pátria. Muito embora seja possível observar que esse caminho pode ser recusado pelo sujeito que se enganará em um conflito de autoridade, cultura, tradição e muito frequentemente de idioma (MELMAN, 1992).

Por não ser participante efetivamente acolhido na realidade estrangeira, o imigrante aceita que precisa 'pagar sem cessar' para se tornar parte dessa comunidade. Esse pagamento (ou sacrifício) pode

ser materializado através do estabelecimento de objetivos profissionais, intelectuais ou até mesmo afetivos. Todavia Melman (1992) nos lembra que ‘não basta pagar, é preciso ser simbolicamente aceito pelo Outro o dom que lhe é oferecido’ (MELMAN, 1992, p. 26-27).

Tomar a palavra em uma língua estrangeira parece ter relação direta com a sensação de participação viva em uma dada comunidade e se coloca muitas vezes como um dos objetivos centrais na vida de um imigrante (cabe marcar que sua recusa, no entanto, pode ser interpretada como uma resistência frente à despersonalização que essa aprendizagem pode causar). De fato, apr(e)nder uma língua estrangeira pode representar uma grande barreira ou desafio para o sujeito já que implica uma posição enunciativa outra, distante de sua língua materna (a língua da mãe).

Para além dos efeitos subjetivos que a imigração causa em um sujeito, a aprendizagem da língua estrangeira pode se tornar uma experiência deveras íntima para esse que aprende. Sobre esse ponto, Gebrim (2016) comenta sobre a angústia vivida por aquele que se aventura a falar uma outra língua, já que essa aprendizagem mobiliza uma experiência de/no corpo. Para a psicanalista, a aprendizagem de uma língua estrangeira nos coloca de frente com nossas próprias limitações fonéticas e dessa forma “imprime nosso pertencimento originário à língua materna como uma marca indelével, inexorável, quase que como nossa carcaça” (GEBRIM, 2016, p. 09).

Essa relação que se constrói entre línguas revela o pertencimento do sujeito a sua origem e expõe sua estrangeiridade frente ao outro. Para Gebrim (2016), em alguma medida, apre(nder uma língua estrangeira corresponde de forma imediata à impossibilidade de passar impune frente ao outro. Acento, sotaque, signos impressos no corpo.

A aprendizagem de uma língua estrangeira convoca o sujeito a um trabalho de reorganização psíquica (e motora) que acaba por transformar a relação que fora estabelecida com sua língua materna. Para Revuz,

abrindo um novo espaço para a expressão do sujeito, a língua estrangeira vem questionar a relação que está instaurada entre o sujeito e sua língua. Essa relação é complexa e estruturante da relação que o sujeito mantém com ele mesmo, com os outros, com o saber.” (REVUZ, 1998, p. 220)

Talvez a importância da tomada da palavra pelo imigrante possa ser compreendida como uma forma de ser acolhido, de interagir com esse outro, visando assim um certo amalgamento a esse novo lugar. Essa aproximação ao lugar do outro, através da incorporação de sua língua, engendra um sentimento de pertença cultural e social ao mesmo tempo que desloca o sujeito em relação a sua

comunidade de origem (REVUZ, 1998, p. 227). Já aquele que não fala essa língua pode se ver silenciado e excluído, sofrendo os efeitos de sua própria resistência.

5 Análise

“Quando eu cheguei aqui eu me sinto estranha”

Analisando as narrativas, do ponto de vista das projeções de tempo e espaço, nota-se a presença de um *eu* (sujeito) que escreve/fala, aquele do *aqui* (no Brasil) e do *agora* (no presente), que (re)cria, partindo dos acontecimentos que protagonizou, um outro sujeito, aquele do *lá* (no país de origem) e do *então* (no passado). Vejamos os excertos a seguir:

Eu sou haitian, eu pensei que brasil é um grande país pode ser que possibilidade para estudar, trabalhar e ficar para crescer economicamente. Cheguei no brasil eu não achei essa possibilidade. (Lovelie)

Meu processo de adaptação está crescendo muito bem. Meus motivos são grandes. Estou no brasil, eu preciso falar a idioma do brasil muito bem, também voltar por meu país um dia dar uma aula na portugues lá no Haiti. Estou crescendo na português. Meus planos para o futuro são: Estudar, Morar, Trabalhar. (Lovelie)

A partir dos excertos, nota-se que no imaginário de Lovelie o Brasil era um país de possibilidades, “um grande país”, onde ela poderia estudar, trabalhar e crescer economicamente; havia uma expectativa. Um sonho talvez. No entanto, ao chegar *aqui* – no Brasil – Lovelie se depara com dificuldades e percebe ser necessário se adaptar. De acordo com Melman, para ser acolhido em um novo/outro país e assim ter seu desejo reconhecido é preciso que o imigrante invista uma quota de si, que dedique algo de si e a oferte a esse outro em forma de pagamento ou sacrifício (MELMAN, 1992). O contato com a realidade vivida e a conseqüente frustração advinda dessa diferença pode revelar a existência de dois tipos distintos de estrangeiros: os que se afligem na divisão entre o que já não existe e jamais existirá e os que a ultrapassam e dedicam-se a eternas paixões: por amores, por uma profissão, por uma criança, pela glória (KRISTEVA, 1994, p. 18). Estes são capazes de admitir que o “paraíso perdido é uma miragem do passado que jamais poderá ser reencontrada” (KRISTEVA, 1994, p. 17) e assim se lançam em vidas plenas de acontecimentos e reviravoltas. Se, como nos aponta Kristeva, o imigrante tem a rejeição de um lado e o inacessível do outro, é preciso procurar um caminho para não sucumbir.

Nota-se um investimento, por parte da imigrante, em estabelecer vínculos com o país - através de sua aprendizagem do português -, ao mesmo tempo que cria perspectiva sobre o seu retorno (“também voltar por meu país um dia dar uma aula na português lá no Haiti”). Pensamos que a quebra de expectativa da qual Lovelie se queixa é o que a coloca em movimento e a faz traçar outros planos. É possível aventar que é a privação desse encontro (idealizado) com o outro (o outro da língua, o outro nativo) que faz com que ela se coloque a trabalho. Assim, nos parece que, para ela, a língua portuguesa se constitui como esse objeto de investimento imediato que a faria alcançar algo que vislumbrou enquanto ainda estava *lá*. A aprendizagem da língua se apresenta como aposta subjetiva para que Lovelie consiga se mover em direção a seus objetivos e assim esquivar-se da sensação de insucesso ou frustração em relação aos seus planos. A aprendizagem da língua portuguesa teria, portanto, o efeito de uma renovação de expectativas para a imigrante.

Ainda sobre a quebra da expectativa entre o *lá* e o *aquí*, outra participante da pesquisa, Widelene, menciona o seguinte:

Quando eu cheguei aqui eu me sinto estranha por causa da língua que é um pouco complicada mas a adaptação não foi muito difícil. (Widelene)

A partir do excerto acima, podemos observar como o sujeito se posiciona em relação a suas vivências no país. A questão da estrangeiridade é levantada como sendo relevante na percepção subjetiva de suas experiências. *Ser estrangeiro* parece provocar efeitos de estranhamento e desestabilização identitária. O estranhamento relatado por Widelene é percebido no momento em que ela se confronta com a língua estrangeira. A sensação de estranheza relatada por Widelene parece estar relacionada à sua dificuldade com a língua portuguesa. Percebe-se que há uma relação traçada pelo sujeito entre saber a língua e se sentir menos estranho/estrangeiro. A estranheza vivida e contada por Widelene nos remete à elaboração Freudiana sobre o infamiliar (Freud, 1919). Nesse texto, o autor discorre sobre a experiência subjetiva de se defrontar com o estrangeiro dentro de si, dentro de um universo psíquico que se quer uno, homogêneo. O estranho seria então o registro psíquico da observância de um elemento intruso ao qual não se tem acesso pelas vias da consciência. Para o psicanalista Figueiredo (2004), o primeiro estrangeiro para a criança seria o adulto. Em nosso caso de pesquisa, o encontro com a língua estrangeira poderia potencialmente reatualizar esse já-vivido do sujeito remetendo-o ao reconhecimento de sua alteridade. Estamos nomeando alteridade como essa possibilidade do sujeito ser o outro de alguém, (con)viver com as diferenças advindas desse convívio e

assim se permitir ser capaz de olhar para dentro de si. A língua seria então esse elemento de alteridade capaz de despertar esse sentimento de estranheza.

Widelene então diz que:

A língua é o fator crítico para viver num lugar estrangeiro que não é seu que tem cultura diferente, pessoa diferente. É muito importante de falar para se comunicar, se incluir com outras pessoas. Os meus planos para o futuro aqui no Brasil é estudar, fazer faculdade e trabalhar. Mas por isso, eu deveria me preparar, me treinar, praticar a falar e escrever a língua portuguesa. (Widelene)

Talvez seja possível pensar que o esforço que Widelene diz estar disposta a empreender, materializado nos usos dos verbos “preparar”, “treinar”, “praticar”, “falar”, “escrever”, além do uso da modalidade deôntica “deveria”, também diz de sua necessidade de participar ativamente dessa comunidade. A necessidade de aprender a língua estrangeira parece causar nesse sujeito um sentimento de urgência talvez mediado por seu desejo de inclusão - “[é] muito importante de falar para se comunicar, se incluir com outras pessoas”. Falar a língua do outro, como o outro, se assemelhar a esse outro são anseios que parecem movimentar o investimento de Widelene no curso de português e seus planos para o seu futuro no país. De acordo com Prasse, para além de uma possibilidade de adquirir bens de consumo e vivenciar experiências de gozo diferentes das que se tem acesso, o desejo de aprender uma língua estrangeira tem relação com a idealização de toda uma vida. Em suas palavras:

o desejo pelas línguas estrangeiras, o desejo de aprender, de saber falar uma outra língua, se alimenta de duas fontes aparentes que, no fundo, não passam de uma só: inveja dos bens e da maneira como gozam os outros, e inquietação por uma desordem (e que desordem!), inquietação de não estar no lugar necessário, de não poder encontrar seu próprio lugar na língua materna... O desejo pela língua estrangeira é um desejo de gozo do Outro....Devido ao fato de que o outro imaginário fala, mas porque ele se exprime numa língua diferente, ele não parece falar como nós e logo, talvez, goze melhor. (PRASSE, 1997, p. 69)

Assim como Widelene outros imigrantes também percebem, ao chegar no Brasil, uma realidade distinta de suas expectativas. Vejamos:

O motivo que meu leva a vir para o Brasil, eu só quero melhora e contínua a estudar para tenho uma vida melhor no futuro, más quando chego, eu acho é diferente. (Júnior)

Primeira vez que eu venho aqui no brasil, eu acho é muito difícil para entende, tem dia eu sentir quero volta no meu país, más depois 3 meses eu começo a entender as palavras basica. (Júnior)

Júnior menciona, em sua fala, os motivos que o levaram a vir para o Brasil, sendo estes: continuar a estudar e ter uma vida melhor no futuro. Ao chegar, ele se depara com uma realidade diferente da imagem que ele havia vislumbrado. A primeira percepção de Júnior é sobre a língua - “difícil para entende[r]” - o que acaba por desencadear um conflito já que o sujeito sente que quer voltar ao seu país, Haiti. Parece haver um sentimento de nostalgia, uma nostalgia da mãe, da língua materna. Esse sentimento, nostálgico, o faz ansiar pelo retorno ao seu país, ao contato com sua língua. Ainda que o Haiti venha passando, nos últimos anos, por problemas econômicos, políticos e climáticos, Júnior (re)constrói seu país de origem pelo viés da lembrança.

Júnior também se frustra por não encontrar/perceber, *aqui*, a condição de país ideal, pois a realidade é que *aqui* há problemas e dificuldades. A frustração criada entre a realidade e a experiência de estranhamento vivida no Brasil desperta no sujeito a vontade de retornar para sua terra natal, ou para o que ele (re)cria enquanto imaginário de seu país de origem. Não saber a língua de fato causa no sujeito certa angústia ao não se localizar nesse espaço / lugar. Como já abordado anteriormente, a partir dos dizeres desse sujeito, a língua é um limitador de pertencimento; não saber a língua, não a entender, não a ter como língua materna, faz com ele considere retornar ao seu lugar de pertencimento, ao seu país, ao contato com sua língua.

Mas Júnior comenta que, depois de 3 meses, ele começa a entender as palavras básicas, o que pode evidenciar uma superação provisória do conflito que a separação da sua pátria e da sua língua materna causou. Ele se vê aprendendo a língua do Outro, algo que parece oferecer suporte para viver nessa nova sociedade. Júnior também fala sobre o porquê de estar fazendo esse curso:

Meu motivo que meu levo a procurar este curso é porque eu quero estudar, tenho que amehora meu portugues e escreve e falar. (Júnior)

Meu plano é estudar de matemática, e ajudar os alunos aqui no Brasil. (Júnior)

Há um planejamento do sujeito relacionado ao aprendizado da língua estrangeira. Ele diz buscar pelo curso porque *quer* estudar e *tem que* melhorar o português (escrita e fala). É interessante o uso que o sujeito faz desses verbos pois eles parecem evidenciar uma disponibilidade, uma entrega, um empenho em aprender e se desenvolver na língua portuguesa. Parece haver uma busca por se sentir acolhido, ainda que, para isso, seja requerido dele um sacrifício. O próprio uso da modalidade deôntica “ter que” remete a uma autocobrança, a algo que deve ser feito, por ele, para que se alcance um determinado objetivo.

Júnior demonstra interesse em se acostumar com o *aqui* e se ver pertencente/parte desse tempo e lugar. Sua fala aponta para uma promessa (ajudar os alunos aqui no Brasil) e assim o sujeito acaba por ressaltar a importância do sacrifício (melhorar seu português). Como já mencionado anteriormente por Kristeva (1994), o estrangeiro coloca-se nesse lugar de fidelidade a um ideal paterno, a este que pode lhe receber e acolher, um ideal que frequentemente não corresponde à realidade, mas que coloca esse sujeito a sonhar. No caso de Júnior, a sonhar e prometer. Melman (1992) nos diz que essa busca por ser outro leva o sujeito a esquecer a própria especificidade e seduzir a nova cultura, sendo esse o sonho de integração. Nesse caso, a promessa de Júnior parece operar como recurso de sedução. A língua o permitiria estudar, e estudar o levaria a agir e interagir no/com o ambiente, ser parte deste.

Em alguns dos excertos aqui analisados, nos parece que a posição de estrangeiro, ocupada por esses sujeitos, tensiona os limites fronteiros no reconhecimento de si e do Outro. O trecho abaixo nos convida a discutir essa questão:

“meu processo de adaptação está indo bem até agora, sempre é uma riqueza o conhecimento de outra cultura, aprende-se muito, ajuda valorizar a própria cultura e a deixar-se surpreender por aquilo que traz a outra...” (Ayla)

O contato com o outro faz reverberar nesse sujeito um tensionamento identitário entre mim e o outro. Entendendo que o contato com o *novo* país coloca em jogo a própria relação imaginária do sujeito consigo mesmo e com esse outro idealizado, talvez possamos indagar como a representação (imaginário) desse sujeito sobre o processo migratório pode ter incidido em suas percepções sobre suas vivências no país e também no desenvolvimento de afetos, como a frustração, a angústia e o enamoramento, como parece ser o caso de Ayla.

A marcação do *lugar de estrangeiro* nos convoca a refletir sobre a própria condição do estrangeiro. Que condição é essa? Quais os efeitos para a subjetividade daquele que emigra? Para Koltai (2000), o estrangeiro é algo que se situa na fronteira do subjetivo singular com o social. É um conceito que remete a um limite, a uma fronteira. “[F]ronteira, no sentido psíquico, nada tem a ver com fronteiras naturais. Tem um sentido topológico e não topográfico. E isso nos obriga a levar em conta a parte invisível do espaço”. (KOLTAI, 2000, p. 145)

A possibilidade de vida no estrangeiro permite a elaboração de um imaginário que encanta e seduz ao idealizar-se esse Outro, diferente. Retomando Koltai temos que

[o] estrangeiro, então, aviva essa dimensão do Unheimlich, tal como postulado por Freud. Ele sempre provoca algo na alma do sujeito, seja amor, ódio, temor, mas nunca

indiferença. De todo modo, é impossível ficar impassível diante do estrangeiro, como se o estrangeiro provocasse fora do sujeito a existência de algo que é interior. (KOLTAL, 2008, p. 67)

Esse estranhamento experimentado pelos sujeitos participantes da pesquisa fala desse movimento de encontro/confronto (BERTOLDO, 2003) com um Outro. Outro esse que faz despertar no sujeito sentimentos que passam de inadequação à curiosidade. A aparente estabilidade da identidade é colocada em xeque quando do encontro com a diferença e suscita a abertura ao novo, ao infamiliar ou, nas palavras de nossa participante, a surpresa. O participante Emmanuel também nos remete a essa questão. Vejamos:

“A minha historia estrangeira [título]. Eu cheguei ao Brasil completamente desconhecido duma sociedade que eu achava conhecer pouco, Porque eu buscava sempre sobre esse pais encantador pela sua riqueza natural e sua miscigenação que dizer a mistura do povo ou seja um povo que é o descendentes de varias étnias. Porém quando começasse a minha vivência e convivência nesse maravilhoso pais parecia no começo diferente para mim a língua, a cultura, os hábitos ect... Eu começava à ter um olhar curioso e vontade de me mergulhar na sociedade. Assim Eu enfrentava a dificuldade a aprender a língua, de me acostumar com tudo, algo que até agora eu tenho ainda alguns dificuldades tão na linguagem que na cultura brasileira em geral.” (Emmanuel)

Emmanuel traz de lá, de seu país, sua impressão, seu imaginário sobre o *aqui*, o Brasil. No início da narrativa o sujeito reporta seu imaginário de Brasil que logo se transforma quando ele se percebe vivendo e convivendo em sociedade e se dá conta das diferenças quanto à língua, à cultura e aos hábitos. Se, para alguns sujeitos, ser estrangeiro é estar em um lugar incômodo e desconfortável, Emanuel traz o discurso de um certo deslumbramento. Neste caso, a constatação da diferença parece impulsionar o sujeito a querer *mergulhar na sociedade*. Seu olhar se volta à percepção do novo e seu estranhamento é o que o leva a buscar encontrar esse novo/outro lugar. Se considerarmos, com Serrani, que a aprendizagem de uma língua estrangeira “talvez seja uma das experiências mais visivelmente mobilizadoras das questões identitárias do sujeito” (SERRANI, 1998, p. 256), Emmanuel parece colocar seu corpo à prova dessa experiência. Sobre as possibilidades da aprendizagem que uma língua estrangeira permite, Gebrim questiona:

“por que não aproveitar dos recursos criativos venturosos que pode oferecer uma outra língua? Esse da possibilidade de reelaborar outramente, em um neologismo afrancesado barato. Falar do mesmo por um outro recurso. Voltar ao mesmo sítio, com outras roupagens. Se com nossas línguas maternas fazemos corpo, com as estrangeiras novas performances se oferecem.” (GEBRIM, 2016, p. 9)

6 Algumas (in)conclusões

Acreditamos importante marcar que nossas conclusões não se pretendem definitivas, tampouco generalizantes. Cada sujeito constrói sua narrativa a partir de suas vivências e experiências singulares. Muito embora cada participante nos apresente uma escrita de vida única, podemos observar certos efeitos em seus dizeres que se justapõem.

O primeiro efeito é o da identificação ao outro. Quando o imigrante se encontra em terras estrangeiras, toda essa estrangeiridade o convoca a certa desterritorialização de si. O outro, em sua própria terra, confronta o imigrante com sua aparente familiaridade e produz assim respostas subjetivas criando desde resistências a simples imitações de comportamento. Ao encontrar/confrontar-se com o outro, o sujeito se percebe enquanto estranho e é só a partir desse processo que ele pode ter contato com esse território estranho em si mesmo. Para Leite (2007), a noção de território pode ser produtiva para se referir a essa terra estrangeira interior ou

esse topos inacessível ao sujeito, o exterior íntimo que habita cada um, representante do Um resignado para entrar no mundo dos intercâmbios e da reciprocidade; exterioridade interior, obscuro núcleo de nosso ser, lugar de exílio constituído como efeito da entrada do sujeito no campo do simbólico (LEITE, 2007, p. 117)

O segundo efeito é a observação dos afetos depreendidos na materialidade linguística. Nos escritos dos participantes fomos capazes de entrever efeitos de deslumbramento/enamoramento com o país, efeitos de frustração, efeitos de admiração e ainda efeitos de sofrimento. Alguns deles compartilharam suas angústias e suas frustrações ao não encontrar *aqui* o que haviam planejado. Vivendo sob o efeito desse encontro/confronto com o outro estrangeiro, os participantes da pesquisa cotejam o retorno à terra natal, à língua materna, a um lugar seguro - ainda que esse lugar esteja localizado no imaginário desses sujeitos. Outros participantes mencionam a satisfação ao se perceberem inseridos nessa nova sociedade, ainda que sejam estranhos a ela.

O terceiro efeito é a projeção de tempo e espaço que emerge nos dizeres dos sujeitos. Buscamos nos aproximar da relação entre tempo e espaço a partir de uma topologia que nos permitiu acessar a subjetividade dos participantes. Não nos referimos à noção de território apenas enquanto espaço físico ou do tempo a partir de uma lógica linear e cronológica, mas como elementos fronteiriços, que se imbricam e tecem a subjetividade daquele que fala. O processo narrativo se dá a partir da relação estabelecida pelos participantes entre o *aqui-agora* e o *lá-então*. Alguns participantes mencionam um imaginário do Brasil enquanto ainda estavam *lá* e, ao chegar *aqui*, se frustram pois a

realidade se mostra diferente. Essa frustração os faz cogitar voltar para o tempo e espaço do *lá-então*, mas esse tempo e esse espaço já não são os mesmos, estão no campo do imaginário. As experiências e vivências dos sujeitos no *aqui-agora* modificam inexoravelmente a imagem do *lá* (país de origem) e do *então* (no passado), ainda que de forma inacessível para o sujeito.

O quarto efeito é o da relação do imigrante com a língua. Acreditamos importante retomarmos que os participantes estavam todos inseridos no contexto de um curso de português e foram convidados a falar sobre o processo de aprendizagem dessa língua. Em nossas análises percebemos que a aprendizagem da língua portuguesa se constituiu como um elemento de referência para os participantes, ponto pacífico entre esses dois lugares - o eu e o outro. Muitos participantes relacionaram diretamente a aprendizagem da língua portuguesa como um fator essencial na busca por melhores colocações no mercado de trabalho. A questão da mobilidade social e sua relação com a aprendizagem da língua esteve presente em diversas narrativas balizando construções imaginárias sobre o propósito da aprendizagem de uma língua estrangeira. Seria a língua esse salvo-conduto imaginário que os faria cruzar a fronteira do estrangeiro e situá-los no social? A aprendizagem da língua teria mesmo um efeito de inserção social automática ou serviria de anteparo diante do desconforto de ser/estar exilado? Alguns alunos marcam a dificuldade em se apropriar da língua e de como essa dificuldade os afeta/ou em momentos de interação no campo do social e no próprio processo de aprendizagem. A emergência dos significantes 'estranha', 'diferente', 'difícil' podem nos indicar que esse movimento de vivência e aprendizagem de uma língua estrangeira não se dá sem obstáculos e embaraços para o sujeito.

Ao não compartilhar a língua com os membros da comunidade local, o imigrante expõe sua vulnerabilidade, não ascende a um lugar de fala nacional e muitas vezes acaba sendo silenciado. Sob esse aspecto, Gebrim marca que

aquele que não fala a mesma língua é literalmente silenciado do atributo da fala. Em mais um exemplo, vê-se a mesma dinâmica de espoliar humanidade ao estrangeiro; que curiosa (e nefasta) forma inventamos para poder nos reconhecer como iguais. (GEBRIM, 2016 p. 9).

Falar a língua do país do outro seria então uma demonstração da devoção e da admiração para com essa comunidade, já que ele precisa abandonar a sua língua materna e sua filiação.

Entendemos que, ao realizar este trabalho, podemos vislumbrar a importância das questões subjetivas nas relações de aprendizagem e vivência no campo do social e assim buscar escutar nas narrativas de vida desses sujeitos elementos que possam ser considerados quando da elaboração e condução dos cursos e projetos para imigrantes.

Finalmente, é importante assinalar que para além de questões práticas como a ambição por melhor qualidade de vida, a aspiração por uma terra mais igualitária, o sonho da imigração abre ao sujeito a possibilidade de, ao se ver exilado de sua terra natal e privado do imaginário idealizado sobre o estrangeiro e sua terra, consentir com essa perda e pacificar o estrangeiro dentro de si, já que como nos ensina Kristeva:

Estrangeiro: raiva estrangulada no fundo de minha garganta, anjo negro turvando a transparência, traço opaco, insondável. Símbolo do ódio e do outro, o estrangeiro não é nem a vítima romântica de nossa preguiça habitual, nem o intruso responsável por todos os males da cidade. Nem a revelação a caminho, nem o adversário imediato a ser eliminado para pacificar o grupo. Estranhamente, o estrangeiro habita em nós: ele é a face oculta da nossa identidade, o espaço que arruína nossa morada, o tempo em que caem no abismo o entendimento e a simpatia. (...) o estrangeiro começa quando surge nossa consciência da minha diferença e termina quando nos reconhecemos todos estrangeiros, rebeldes aos vínculos e às comunidades. (KRISTEVA, 1994, p. 9)

Referências

- ARFUCH, L. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BARCELOS, A. M. F. Compreendendo a pesquisa (de) narrativa. In: GOMES, R. C. (Org.) *Pesquisa narrativa: histórias sobre ensinar e aprender línguas*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. p. 17-37.
- BERTAUX, D. *Le récit de vie*. Paris: Armand Colin, 2005.
- BERTOLDO, E.S. O contato-confronto com uma língua estrangeira: A subjetividade do sujeito bilingue. In: CORACINI, M.J. (org.) *Identidade e Discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas: Editora da Unicamp; Chapecó: Argos Editora Universitária. 2003.
- BIZON, A. C. *Narrando o exame Celpe-bras e o convênio PEC-G: A construção de territorialidades em tempos de Internacionalização*. Orientadora: Marilda do Couto Cavalcanti. 2013. 445 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2013.
- BIZON, A. C. C.; DINIZ, L. R. A. (Orgs.) Dossiê Especial: Português como Língua Adicional em contextos de minorias: (co)construindo sentidos a partir das margens. *Revista X*, Curitiba, v. 13, n. 1, p. 1-5, 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/revistax/article/download/61248/36626>>.
- CAVALCANTI, M. C. Um olhar metateórico e metametodológico em pesquisa em linguística aplicada: implicações éticas e políticas. In: MOITA LOPES, L. P. *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 13 - 44.

Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados. 1951. Disponível em: <[https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao relativa ao Estatuto dos Refugiados.pdf](https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao%20relativa%20ao%20Estatuto%20dos%20Refugiados.pdf)> Acesso em: 17 nov. 2020.

Declaração de Cartagena: Conclusões e Recomendações. Cartagena, Colômbia, 1984. Disponível em: [https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BD Legal/Instrumentos Internacionais/Declaração de Cartagena.pdf](https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BD%20Legal/Instrumentos%20Internacionais/Declara%20cao%20de%20Cartagena.pdf)> Acesso em: 17 nov. 2020.

FIGUEIREDO, L.C.M., A Clínica Psicanalítica a partir de Melanie Klein – O que isto pode significar?, *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, n. 39 (71), 2006, p. 125-150.

FREUD, S. (1919/1996). O estranho. *Obras completas*, ESB, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

GEBRIM, A. Língua materna, língua estrangeira: reflexões sobre a língua do analista. *Lacuna: uma revista de psicanálise*, São Paulo, n. 1, 2016. p. 9. Disponível em: <<https://revistalacuna.com/2016/05/22/reflexoes-sobre-a-lingua-do-analista/>>.

KOLTAI, C. Política e Psicanálise. *O Estrangeiro*. Ed. Escuta. 2000.

KOLTAI, C. (2008). *Racismo: uma questão cada vez mais delicada*. Ide, pp. 66-69.

KRISTEVA, J. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 9-46.

LACAN, J. *A Ciência e a Verdade, Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1966/1998.

LACAN, J. *O seminário: livro 2 - o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1978/1992, 3ª Ed.

LARA, G. M. P. Abrindo as portas: a voz dos imigrantes e refugiados. *Cadernos de Linguagens e Sociedade*, Brasília, v. 18, n. 1, 2017. p. 29-48. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/1565/1378>>.

LEITE, N. V. de A. Lalingua: Território do gozo / Gozo: território de lalingua. In: Nina V. de Araújo Leite; Suely Aires; Viviane Veras. (Org.). *Linguagem e Gozo*. 1ed. Campinas: Mercado de Letras, 2007, v. 1, p. 115-126.

MACHADO, I. L.; LESSA, C. H. Reflexões sobre o gênero narrativa de vida do ponto de vista da análise do discurso. In: JESUS, S. N.; SILVA, S. M. R. da (Orgs.). *O discurso & outras materialidades*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.v.1, p. 102-122.

MACHADO, I. L. *Histórias discursivas e estratégias de captação do leitor*. Diadorim. Rio de Janeiro, v. 10, p. 59-74, 2011.

_____. A narrativa de vida como materialidade discursiva. *Revista da ABRALIN*, v. 14, n. 2, p. 95-108, 2015. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/42557/25814>>. Acesso: 12 de junho de 2019.

_____. Nos bastidores da Narrativa de vida & Análise do Discurso. In: MACHADO, I.L.; MELO, M.S.S. (Org.) *Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2016. p.121 – 138.

MAHER, T. J. M. A educação do entorno para a interculturalidade e o plurilinguismo. In: KLEIMAN, A. B.; CAVALCANTI, M. C. (Orgs). *Linguística Aplicada – suas faces e interfaces*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007, p. 255-270.

MELMAN, C. *Imigrantes: Incidências subjetivas das mudanças de língua e país*. Trad. Rosane Pereira. São Paulo: Escuta, 1992.

MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

MOITA LOPES, L. P. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA LOPES, L. P. *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 13 - 44.

POLÍCIA FEDERAL. Disponível em: <<http://www.pf.gov.br/servicos-pf/imigracao/estatisticas>>. Acesso em: 15 jan. 2021

PRASSE, J. O desejo das línguas estrangeiras. *Revista Internacional Rio de Janeiro, Paris, Nova York, Buenos Aires*. Editora Companhia de Freud. Ano I, n. 1, Jun, 1997. p. 63-73.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Língua(gem) e identidade*. São Paulo: Mercado de Letras, 1998. p.213-230.

SANT'ANA, M. F. “Em casa, no Brasil”? Análise discursiva de narrativas de vida de refugiados venezuelanos. In: CORRÊA, T. E.; CHAVES, M. P.; SANT'ANA, M. F.; SOARES, J. B.; BARBOSA, S. C. F. (Orgs.) *Estudos de pós-graduação em linguística do texto e do discurso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2019. p. 335-353.

SERRANI, S. Identidade e segundas línguas: as identificações no discurso. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998. (Letramento Educação e Sociedade). p. 231- 261.

Data de submissão: 21/03/2023. Data de aprovação: 12/05/2023.